

NOS BASTIDORES DA PESQUISA EM TORNO DA FOTOBIOGRAFIA DE CLARICE LISPECTOR

Nádia Battella Gotlib*

Resumo

O que aqui se propõe é parte de uma história da pesquisa, ou melhor, de uma história dos “bastidores da pesquisa” que redundou na publicação do livro de minha autoria intitulado Clarice Fotobiografia. Sob a forma do que poderia ser considerado, enquanto gênero, uma crônica da pesquisa, o texto relata o percurso que segui ao me deter num repertório de imagens em torno das raízes judaicas ucranianas dos ascendentes de Clarice, procurando expor: as razões que motivaram a seleção das imagens, certas dificuldades na procura e análise da matéria documental, certos detalhes de minha viagem à Ucrânia durante a pesquisa, e, finalmente, o arranjo dessa matéria que ocupa estrategicamente o início e o final da Fotobiografia. Observe-se ainda que as considerações em torno da matéria visual que compõe o livro e que aqui é discutida existem em função da produção literária e jornalística de Clarice Lispector. Daí o apelo final a um diálogo entre essa narrativa visual das ‘raízes’, sob a forma de fotobiografia, e uma crônica escrita por Clarice Lispector em que remonta a sua aldeia natal.

Palavras-chave: Clarice Lispector – Fotobiografia - Pesquisa

Résumé

Ce qu'on propose ici c'est la partie d'une histoire de recherche ou d'une histoire des “derrières les coulisses” de la recherche qui ont permis la publication du livre que j'ai écrit: Clarice Fotobiografia. Sous la forme de ce qui pourrait être considéré, en tant que genre, une

chronique de la recherche, le texte rapporte le parcours que j'ai suivi à propos d'un répertoire d'images autour des origines juives ukrainiennes des ascendents de Clarice Lispector, en essayant d'exposer: les raisons qui motivent la sélection des images, certaines difficultés de la quête e de l'analyse de la matière documental, certains détails de mon voyage en Ukraine au moment de la recherche, et, finalement, l'arrangement de cette matière qui occupe stratégiquement le début et la fin de la Fotobiografia. On doit observer les considérations sur la matière visuelle qui compose le livre et que je discute en fonction de la production littéraire et journalistique de Clarice Lispector. Ainsi l'appel final à un dialogue entre cette narrative visuelle des “origines”, sous la forme de photobiographie, et une chronique écrite par Clarice Lispector, qui remonte au petit village où l'écrivain est née.

Começo de conversa

O que aqui vai não é propriamente um artigo. Talvez seja um ensaio. Ou, mais propriamente, uma crônica com pitadas ensaísticas, na medida em que se apóia na reflexão crítica em torno de fatos de uma história, a história de uma pesquisa, produto de anotações várias, feitas numa espécie de ‘caderno de campo’, marginália de uma investigação longa em torno de vida e obra de Clarice Lispector que resultou na edição de um livro: Clarice Fotobiografia ¹.

O que aqui se segue tem, pois, o caráter de suplência: surge da necessidade de dizer o que não foi dito ao longo das 656 páginas que compõem essa narrativa visual, fotobiográfica, centrada no estudo de Clarice Lispector. Tenta preencher um vazio lá instituído. Não propriamente o vazio criativamente elaborado por Clarice na construção de sua obra e vida.

* Nádia Battella Gotlib é Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP).

¹ Nádia Battella Gotlib, *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

Experimentar esse vazio constitui, creio eu, ler bem Clarice. Ignorá-lo seria, no mínimo, um erro de leitura.

Também não me refiro a um vazio proveniente das lacunas que eventualmente poderiam aflorar em meio à matéria que motivou e de certa forma suporta a estrutura do livro: as 800 imagens de cidades, casas, paisagens, pessoas, livros, anotações, correspondências, bilhetes, pinturas, desenhos... Essas foram aí selecionadas em função de uma linha narrativa que privilegia cronologicamente um repertório de imagens ligadas a fatos e levanta sugestões de sua leitura a partir de critérios examinados ao longo da elaboração do trabalho que não me proponho aqui, nesse momento, discutir.

Refiro-me ao que não pude contar num livro em que tive de escrever o menos possível, detendo-me em legendas concisas, descritivas e críticas, que traduzissem situações, mais ou menos nitidamente perceptíveis, em imagens expostas ao longo das páginas do livro. São fatos referentes a um percurso muito particular de experiência de pesquisadora que não caberiam também nos comentários inseridos em capítulo final do livro, quando os esclarecimentos relacionam-se diretamente à matéria anteriormente exposta nas imagens, legendas e citações espalhadas ao longo das quase 700 páginas.

Concluindo: o que aqui vai não caberia no livro que criei. Mas existe em função desse livro. E tem tudo a ver com esse livro.

Assim sendo, permito-me tratar aqui de uma experiência pessoal, em primeira pessoa, que se movimenta por detrás da montagem da peça fotobiográfica em que Clarice Lispector atua como protagonista. Percorrendo os porões das múltiplas opções para encontrar, montar e divulgar uma leitura de vida e obra, exponho e comento aqui fatos que habitam os *bastidores da pesquisa*: critérios que adotei, situações em que me envolvi, pessoas que conheci, lugares por onde andei, ao longo da investigação, com o objetivo de, mediante um gênero que bem poderia ser chamado despretensiosamente de *crônica da pesquisa*, dialogar criticamente com os meus colegas pesquisadores e leitores de Clarice.

Dessa matéria, seleciono alguns tópicos, para a presente exposição. Situo esse trabalho num contexto de pesquisa que tem um “ponto de partida”, as origens de Clarice, de certa forma norteador dos rumos a tomar nas etapas subseqüentes, detendo-me na descoberta dos primeiros espaços de Clarice, que me levam, por sua vez, aos “pontos de chegada” dessa viagem visual. Trata-se, em suma, da leitura comentada do início (primeiro capítulo) e do final (décimo terceiro capítulo) da Fotobiografia.

Ponto de partida: raízes

A construção da Fotobiografia foi surgindo aos poucos, a partir dos inícios dos anos 1980, quando comecei a dar cursos de graduação e pós-graduação sobre a literatura de Clarice, na Universidade de São Paulo e, em seguida, em outras universidades. Analisava textos da escritora, publicava artigos, apresentava comunicações em reuniões acadêmicas, participava de grupos de trabalho sobre esse assunto. E, paralelamente, colecionava imagens de Clarice. Não se tratava de admiração exacerbada de leitora apaixonada. O que me movia era apenas a atração pelo desconhecido. Nada sabia dessa escritora, a não ser o que ela dizia. Era já muito, do ponto de vista da literatura. Talvez até o suficiente para nada mais querer saber. Mas era muito pouco, do ponto de vista da curiosidade da pesquisadora interessada, já, numa “história de vida”.

Essa prática, que se tornou um hábito, o de guardar reproduções de fotos e de documentos, graficamente precárias, porque eram xerografadas, continuou ao longo dos anos 1990, quando fiz uma pequena seleção de 50 imagens que integrou o livro *Clarice, uma vida que se conta*, versão reduzida de minha tese de livre-docência na Universidade de São Paulo e publicada em 1995.² Na realidade, esse primeiro livro, *Clarice, uma vida que se conta*, surgiu como um risco do bordado do segundo, o *Clarice Fotobiografia*, que seguia uma linha de exposição calcada na distribuição da matéria em ordem cronológica linear e em função dos lugares habitados e percorridos por Clarice.

No entanto, o conjunto das imagens reunidas e selecionadas nesse novo jeito de *contar Clarice*, a partir do *ver Clarice*, acabou suscitando novos direcionamentos e até mesmo impondo certas exigências de caráter estrutural na montagem da narrativa. Dessa forma, a nova ordem fotobiográfica acabou também por revelar certos detalhes significativos na construção da narrativa biográfica que não só complementam a narrativa anterior, contada, mas criam uma nova sintaxe, a partir do que se vê, levando a novas interpretações possíveis e a novas possíveis sondagens reflexivas e críticas.

O começo dos começos dessa história de Clarice nos leva, por exemplo, a considerar, na sua formação cultural, um fato que não pode ser ignorado: a sua ascendência cultural judaica.

De fato, a família, que se comunicava em ídiche e em russo, preserva fortes marcas das raízes da cultura judaica, caracterizada pelo talento de seu povo na prática da atividade do comércio e pela séria e cuidadosa prática religiosa, tanto na celebração dos rituais quanto nos estudos dos livros sagrados. Por isso escolhi, para abrir o primeiro capítulo,

² Nádía Battella Gotlib, *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995. Em espanhol, em edição revista: Nádía Battella Gotlib, *Clarice, una vida que se cuenta*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo ed., 2007.

duas imagens ligadas a essas duas atividades: os judeus estudando o Talmud, por Lazar Krestin (1868-1938), artista judeu lituano que privilegiava na sua obra a representação de judeus pobres; e uma gravura do final do século XIX, de autor desconhecido, representando judeus comerciantes reunidos em Odessa.

As duas situações – a atividade do comércio e a prática da religião – foram duas marcas das famílias judias dos Lispector e dos Krimgold.

Tanto o avô paterno (Samuel Lispector) quanto o pai de Clarice (Pinkhous Lispector) eram comerciantes e seguiam a tradição da religião judaica. O pai de Clarice morava numa região central da Ucrânia, em Teplik, onde nasceu, e também Gaicin e Savran. Tais aldeias, com baixa população, localizadas bem perto uma das outras, próximas à fronteira com a Moldávia e a Romênia, ficavam justo a meio caminho entre as cidades maiores e de maior importância: Kiev, então capital da Ucrânia, ao norte³, e Odessa, ao sul, às margens do mar Negro.

Como comerciante, o pai de Clarice viajava tanto para Kiev quanto para Odessa para comprar mercadorias que vendia na aldeia onde então vivia. E lia o Talmud. E praticava rituais religiosos, que seriam seguidos pela filha Elisa Lispector, espécie de guardiã das tradições familiares, “baú da família”, como a chamava a irmã Tania Kaufmann.

A constatação dessa origem, embora não contada explicitamente por Clarice, é relatada com detalhes pela irmã de Clarice, a escritora Elisa Lispector, no seu romance autobiográfico *No exílio*, em que conta a saga da família. Nesse romance, escrito no Brasil, ao calor da hora de 1948, sob o impacto entusiasmado da fundação do Estado de Israel, aparece o registro detalhado das circunstâncias de vida antes e depois da decisão da emigração, em viagem da Ucrânia para o Brasil, para fugir da fome e das perseguições de que foram vítimas os judeus no leste europeu durante as primeiras décadas do século XX.

Não foi diferente a situação de vida dos avós maternos de Clarice, Isaac Krimgold e Tcharna Rabin Krimgold, que viviam numa propriedade em que cultivavam a terra, desfrutavam de fartura e certo conforto, de acordo com os moldes rurais da época. E dali foram alijados por ocasião de *pogroms*, ataques violentos a judeus que deles tiraram a terra, o provento e a vida. Cena dos anos de pujaça e das violentas perdas também são contadas por Elisa Lispector, no referido romance.

Do período de relativa calma, o álbum familiar registra alguns momentos. Três imagens da mãe de Clarice aparecem nesse período. Num primeiro momento, a moça Mânia I. Krimgold está só, ainda solteira, em foto tirada em 1909, em

Odessa, para onde deve ter viajado a passeio, já que morava na região central da Ucrânia, próxima à do seu futuro marido. Altaneira, vestes escuras e rendadas, em pose de estúdio com alguns elementos compondo cenário sóbrio, a moça de olhos grandes e pretos parece ter paz. E o verso da foto, em russo ‘rústico’, não erudito, revela a ascendência mais humilde, sem sofisticções culturais, que caracteriza a classe social de filha de camponeses de vida farta, mas sem luxo.

Nessa foto, um contexto cultural de vida que cerca a imagem da moça complementa-se com a matéria gráfica impressa no verso: a estampa do cartão postal da casa fotográfica de Odessa, as letras em russo do endereço da casa comercial em que tirou a foto, na rua Preobrazhenskaya n° 68, perto da Igreja de Assunção da Virgem. O edifício ainda lá existe, um tanto depauperado pelo tempo, mas firme na construção sólida, austera, simples, ainda que sem manutenção, como a maioria das edificações da cidade, que há pouco tempo iniciaram um processo de restauração, que já atingiu o bellissimo edifício do Teatro da Cidade, ou Casa da Ópera, provavelmente freqüentado pelo pai de Clarice, nas suas permanências na cidade, a trabalho. Também lá está o edifício da Igreja, ao lado. Nas imediações, também uma sinagoga, nesse bairro habitado por judeus e de movimento intenso, desde que perto da estação de trem que liga a cidade marítima às cidades do interior.

Ainda no verso da foto, o texto manuscrito da própria Mânia que carinhosamente dirige-se à irmã Zina, dedicando-lhe com carinho essa lembrança, a foto. Depreende-se, pois, também desse verso de foto, o ambiente familiar de relações harmoniosas entre as duas irmãs.

Essas relações tornam-se mais claras com as demais fotos desse núcleo familiar. Mânia aparece ainda na companhia da prima Dora, filha de Leon Rabin, este, irmão de Tcharna, sua mãe, em foto mais uma vez dedicada à irmã Zissel (Zina) em cenário de estúdio semelhante ao da primeira foto. E há foto de Zissel (Zina), só. E das duas irmãs mais jovens, em imagem um tanto desgastada: Sara, sentada, segurando um livro, e Chona (Ana), a caçula, em pé, ao lado de mesa com outros livros, ambas com vestidos muito simples, despojados, sem nenhum ornamento. Para finalizar esse núcleo, faltaria apenas o irmão mais velho, Ivil (Joel), que aparecerá em foto tirada alguns anos mais tarde.

Mânia (ou Marieta) aparece noutra momento já em foto que pode ser confrontada com a de Pinkhous. A cor levemente azulada dos originais que se mescla ao amarelado do papel envelhecido revela que as duas fotos devem ter sido tiradas na mesma época e na mesma casa comercial. Provavelmente, por volta do casamento, que aconteceu em 7 de setembro de 1910, conforme atestado em russo, datado

³ A capital será transferida para Kharkiv com a instauração do regime soviético na Ucrânia e sua integração na União das Repúblicas Soviéticas, em 1922, e será capital até 1934.

⁴ Elisa Lispector, *No exílio*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1948. Informação por: Artur Rodyna, a partir do texto em russo: *Pogroms judeus*. Comitê Social de Judeus. Editora Shkola i Kniga, 1926.

de 4 de setembro de 1915, que Elisa guardava entre seus pertences.

Dos irmãos de Pinkhous, consegui apenas uma foto, da família de Salomão, tirada ainda na Ucrânia, nos anos 1920, antes de a família embarcar para o Brasil, o que aconteceria apenas em 1928. Nesta, a família aparece reunida: em pé, Salomão e a esposa, Mina Lispector; sentados, Pinkhous e Iohevet Olchinietsky, tios de Mina que criaram essa sobrinha, e seriam mortos pelos nazistas, em Kitaigorod, onde viviam; e os 3 filhos do casal Salomão e Mina Lispector: Berta, Pola e Samuel.

A foto registra a união de pessoas pertencentes a três gerações, separadas em três fileiras, que, no entanto, tiveram diferentes destinos e haveriam de se separar: a que fica é morta pelos nazistas (o casal mais velho); e a que parte, se salva (o casal mais jovem e as crianças). A uma situação atual – a da imagem registrada na foto – superpõe-se, pois, uma imagem futura dessa separação, vista ou experimentada apenas pelo espectador da foto que já sabe o destino de tais ‘personagens’. O registro, assim examinado, pode se tornar uma expressão significativa do destino de centenas de famílias que acabaram por optar pelo percurso migratório.

Além desse caráter ambivalente, pela capacidade de traduzir a união que existia e, a partir daí, sugerir a futura separação, a foto mostra ainda figuras que terão papel importante na vida de Clarice na medida em que integrarão o repertório dos seus afetos: a família de Salomão Lispector, que chega a Recife em 1928, manterá íntima convivência com a família de Pedro, em Recife, durante seis anos, até a mudança da família de Pedro para o Rio de Janeiro. Em Recife o menino Samuel reaparecerá em foto tirada na companhia da prima. E a tia Mina será presença sempre lembrada por Clarice, que ficará feliz com o reencontro que com ela terá, em 1976, em Recife, quando, em palestra, lembra-se das boas comidas que ela lhe dava. É o acontecerá também com a tia Dora (na verdade, prima da mãe de Clarice), que aparece ao lado da mãe de Clarice em foto tirada na Ucrânia e que será um dos esteios afetivos de Clarice após a morte da mãe, ocorrida em 1930, em Recife.

Os registros fotográficos familiares têm, então, a condição de, mediante gestos, olhares, poses, cenários, pontuar laços parentais e afetivos. Alguns deles reaparecerão, em outras imagens, alinhavando já numa sequência visual, tecida ao longo do tempo, alguns capítulos dessa narrativa visual, em terras ucranianas e brasileiras.

Nesses dez anos – de 1910 a 1920 – a família cresce: nasce a primeira filha, Leia (Elisa), em 1911, em Savran; nasce a segunda filha, Tania, em Teplik, em 1915; nasce a terceira filha, Haia (Clarice), quando já estão de viagem para a América. Nesse período a Ucrânia passa por graves

turbulências políticas que acarretariam a migração da família Lispector da Ucrânia para o Brasil.

Portanto, as primeiras fotos de família são tiradas antes de grandes mudanças ocorridas na Ucrânia, provenientes de fatos históricos de grande porte: a Segunda Grande Guerra, ocasião em que a Ucrânia foi invadida por tropas de vários países vizinhos ou próximos, como por alemães; a Revolução Bolchevique de 1917, quando a família do Tsar Nicolau II, o último dos Romanov, foi dizimada pelos revolucionários que expulsaram os monarquistas do poder; pela proclamação da República Popular da Ucrânia, que procurava reforçar a força política nacionalista contra a hegemonia russa soviética. Além de tais forças acrescentem-se grupos de facções várias, como cossacos e anarquistas, alguns, anti-semitas, que organizavam *pogroms* contra populações ucranianas, ou seja, ataques e assassinatos em massa da população judaica.

Se as imagens pertencentes ao ‘baú da família’ de Clarice encenam, em ambientes fechados, situações de vida no núcleo parental mais próximo – avós, pais, tios, primos – ou, do ponto de vista de sua mãe, Mânia (ou Marieta, como será chamada no Brasil) - irmãs, pais, marido, cunhado e concunhada, sobrinhos, prima – por outro lado, imagens selecionadas de acervos institucionais têm a condição de revelar, em céu aberto, ora paisagens urbanas por onde circularam os pais de Clarice, ora, já em período de contexto político acidentado, paisagens com grupos humanos movidos pela violência, guerra, invasões, ou, num contexto talvez mais dramático, marcados pela fome, epidemias, estupros, roubos e assassinatos.

Diante de tamanha extensão de matéria documental, selecionei fotos que pudessem traduzir o percurso dessa paz e dessa violência, num país que se transformou em palco de confronto entre tropas de proveniências diversas.

No primeiro caso incluo as imagens das duas cidades por onde o pai de Clarice circulou, a negócios, e onde aproveitava para se distrair comparecendo a espetáculos teatrais. Deve ter passado pela principal rua comercial de Kiev, a rua Kreshchatik, flagrada na rotina das atividades comerciais dos seus pedestres, das carroças puxadas a cavalos e dos bondes elétricos, que circulavam em 1910; e deve ter comparecido à Casa da Ópera Nacional da Ucrânia (atualmente chamada Taras Shevchenko), na rua Volodymyrska, coberta de neve, caso aí tenha ido no inverno. Tanto o pai quanto a mãe devem ter circulado também pelo centro comercial de Odessa, na altura das ruas Deribas, ainda arborizada, e rua Richelieu, que desemboca na belíssima Casa da Ópera ou Teatro da Cidade, localizado quase às margens do mar Negro.

No que se refere às imagens da hostilidade, os registros desse período de guerra civil flagram tanto comunistas

⁵ Informação por: Artur Rodyna, a partir do texto em russo: *Pogroms judeus*. Comitê Social de Judeus. Editora Shkola i Kniga, 1926.

que defendiam a ligação da Ucrânia com a Rússia dos soviéticos quanto ucranianos nacionalistas que defendiam a autonomia da Ucrânia em relação à Rússia.

Assim sendo, é significativa a presença de Nicolau II na sequência dessa narrativa, para marcar a mudança entre dois momentos históricos da Rússia e, por conseguinte, da Ucrânia, que então pertencia à Rússia: o período tsarista e o que se lhe seguiu, a partir da Revolução de Fevereiro de 1917.

Se os pais de Clarice nasceram nos anos 1880 (ele, em 1885, ela, em 1889), quando a Rússia era governada por Alexandre II, em 1894 é empossado Nicolau II, filho de Alexandre II. No período em que governou Nicolau II, Pinkhous e Mânia passam parte da infância, vivem a adolescência, casam-se e têm duas filhas: Léia (Elisa) e Tania.

Quando Nicolau II, o último dos Tsares, é afastado do poder, após a Revolução de Fevereiro, o povo russo manifesta-se favoravelmente à revolução no centro de Petrogrado (atual S. Petersburgo), então capital da Rússia. Essa é uma das imagens que selecionei para traduzir a mudança. O povo amontoa-se e carrega estandartes na praça pública, com dizeres que dão vivas à nova República Democrática, à Terra e ao Povo, e um adeus à Velha Rússia, representada no estandarte da direita pela figura do boiardo, senhor feudal, da nobreza, que antigamente escolhia, com outros boiardos, o soberano.⁶

A Festa Nacional de 1º de Maio (no calendário juliano, então em voga na Rússia até 1918, correspondia ao 18 de abril), tal como aparece registrada na foto inserida no livro, evoca esse momento crucial da história russa: o entusiasmo da multidão pelos novos tempos. A vista percorre essa praça do Palácio podendo divisar, num primeiro plano, as expressões dos soldados, trabalhadores, mulheres e homens do povo, unidos num mesmo projeto. Os três estandartes verticais que atravessam a imagem numa linha horizontal, dois deles, menores, à esquerda, um deles maior, à direita, distribuem-se de modo equilibrado, com dizeres de forte apelo visual. Um deles, o da direita, exibe dizeres em russo e a figura de um boiardo. Os estandartes inscrevem-se, no meio do povo, dele emanando, tendo, ao fundo, as linhas arquitetônicas e imponentes dos grandes edifícios da Praça.

O movimento político da capital russa repercute na Ucrânia, em Kiev, quando a população se reúne no centro da cidade, na praça Kreshchatik, para apoiar o governo provisório instaurado em Petrogrado após a Revolução. É o que aparece na imagem a seguir, no capítulo. Tirada do alto, a foto registra tanto o edifício da praça quanto a multidão ali reunida, organizadamente, abrindo espaço para ver passar o desfile de pessoas montadas a cavalo e empunhando bandeiras. Essa uniformidade de propósitos, que pelo menos aparentemente reúne tais pessoas em torno de um fato – o

desfile – não acontece de fato nesse período em que diversas forças políticas atuam ao mesmo tempo. As forças separatistas da Ucrânia ganham o apoio do governo provisório, mas irão se manifestar veementemente contra as forças soviéticas dos bolcheviques, paulatinamente consolidadas sobretudo a partir da Revolução de Outubro de 1917.

Os separatistas chegam a apoiar a invasão do território ucraniano pelos alemães e austríacos. A imagem da entrada das tropas alemãs, em março de 1917, marca esse fato: primeiro em Kiev, depois em Odessa, em ambas, pois, logo depois da Revolução de Fevereiro de 1917.

A força da invasão e dominação está presente na imagem regulada pela simetria da formação dos soldados uniformizados, perfilados em rua de Kiev, em clara manifestação de poder, quando invadem a Ucrânia contando com o apoio de forças nacionalistas que preferiam estrangeiros a russos dominando o território ucraniano. Esta cena se repete na paisagem aberta de Odessa, quando os soldados, não mais perfilados, mas soltos, espalham-se por colina, pontos negros salpicando o branco da neve, em imagem que se perde no horizonte.

Além das tantas invasões, haveria que registrar também a realidade dos *pogroms*, que atingira terras ucranianas. Mencionam-se, mais amiúde, o de 1903, em Kiev, e o de 1905, em Odessa. Mas no período de guerra civil que abalou a Ucrânia entre 1918 e 1921, vários “bandos” anarquistas, contra os monarquistas, os comunistas e os judeus, agiram na região em que moravam os Lispector.

Portanto, no meu entender, a imagem mais tocante dessa parte do livro dedicada às raízes, seja a cena registrada por uma foto após um desses *pogroms* movido por forças rebeldes comandadas pelo general Anton Ivanovitch Denikin, em 1919. Nela, dois judeus se aproximam de uma das vítimas, cadáver já envolto em pano branco, talvez para identificação, enquanto três mulheres olham para os corpos espalhados pelo chão. Ao fundo, grupos de pessoas conversam. Paire um clima de desolação.

Esta cena flagra uma situação de sofrimento de pessoas que não são, mas poderiam ter sido, as da família Lispector e Krimgold.

Igualmente significativa considero a imagem dos bolcheviques chegando a Kiev em junho de 1920, em telegas puxadas por cavalos, preparando a retomada do território ucraniano, desde 1918 em poder, entre outros, dos poloneses, em seguida dos alemães e austríacos, e em seguida de forças separatistas. O domínio soviético será consolidado mediante a proclamação da República Socialista Soviética Ucraniana, em 1921, e a integração do país como parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1922.

⁶ Devo tais dados a Homero Freitas de Andrade, professor de russo da USP.

Desse grupo pertence ainda uma outra imagem, um marco na história de Clarice: a imagem de soldados do Exército Vermelho montados em cavalos enfileirados em frente a um grande edifício, em Tchechelnik, aldeia onde Clarice nasceu. O edifício era propriedade de rico comerciante judeu, Iákhont, que tinha empresa para processamento de madeira, desativada após a Revolução Comunista.

Esse edifício torna-se peça fundamental nesse circuito visual pelos lugares de Clarice. É o que veremos, a seguir.

Ponto de chegada: ruínas e a volta involuntária

Quando fui a Tchechelnik, em junho de 2007, tinha a intenção de visitar pelo menos dois edifícios que já habitavam o meu imaginário de ‘lugares clariceanos’: a Sinagoga, cuja foto, mais recente, tirada por uma pesquisadora da cultura judaica, Alla Sokolova, de São Petersburgo, me foi por ela gentilmente enviada, para figurar na *Fotobiografia*; e o casarão do judeu Iákhont, que conseguia enxergar claramente atrás da figura dos bolcheviques enfileirados e montados a cavalo, foto que me foi também gentilmente enviada para figurar no livro, por um historiador de Vinnitsia, Viktor Kossakivskiy.

Acompanhada de uma amiga, a professora Elza Miné, de um motorista, que nos levou de carro até lá, de um intérprete, que nos permitiu a comunicação com os ucranianos, passamos por estradas modernas, por estradas secundárias, e, graças a um oportuno erro do motorista, por verdadeiros caminhos, que nos permitiu atravessar a única rua de casas da aldeia de Savran, encontrar dezenas de cegonhas espalhadas pelos postes ao longo dos campos cultivados e admirar as habitações dos camponeses, com poços coloridos para uso coletivo, perto de casas ornamentadas com desenhos em alto relevo nas fachadas - flores, folhas, ramos, pássaros - numa poética recriação de motivos rurais.

Ao chegar a Tchechelnik, recebidos pelo Prefeito, já aflito por causa de nosso atraso, e depois de alguns minutos de demora por causa de uma fila de pessoas que acompanhavam enterro e que ocupou a estrada asfaltada da entrada da cidade, fomos a um restaurante, propriedade do Prefeito, que nos serviu farto e delicioso almoço, por ele mesmo preparado. Além dos bons pratos, a cada prato que chegava à mesa, servia-nos uma dose de vodka, acompanhada de um brinde em alta voz: ! “ – Vódka! Vódka! ”. Educadamente aceitávamos e participávamos dos sucessivos e cada vez mais entusiasmados brindes, em meio a um calor de quase 40 graus e uma conversa animada por gestos, que se desenrolava graças ao incansável esforço do intérprete.

Apesar da vodka, conseguimos visitar o que a cidade nos oferecia de mais preciosos: a sinagoga, o prédio da Prefeitura e Biblioteca, além de outras atrações: a Igreja Católica, culto de tradição polonesa, em meio a um bosque; e os novíssimos prédios de propriedade do Prefeito: um pequeno hotel, o restaurante, um bar – infra-estrutura que facilitaria a realização de um encontro de estudiosos de Clarice Lispector na sua cidade natal.

Fui visitar imediatamente os dois edifícios que já conhecia a partir de fotos. E tive algumas grandes emoções. A enorme Sinagoga, hoje em ruínas, construída no final do século XVIII ou início do século XIX, era rodeada por bairros judeus, predominantemente por cassides, adeptos do cassidismo, seita criada pelos “judeus pobres” no século XVIII e que desenvolveram importante centro comunitário em Savran, perto de Tchechelnik. Tchechelnik torna-se importante centro da comunidade judaica a partir de 1831, quando lá passou a morar Moshe Tsvi Guiterman, filho do fundador do cassidismo, na cidade vizinha de Savran. A partir daí a população de Tchechelnik cresce. Em fins do século XIX soma 93% dos 2400, população total da aldeia. Em 1910 atinge os 10 mil habitantes. Durante a guerra civil, quando a família por lá passa e nasce Clarice, perde duas vezes o total dos 9 mil habitantes. E hoje residem lá 6200 pessoas. E nenhum judeu.⁷

A enorme sinagoga, sinal dos tempos de quase total predominância de judeus na cidade, ainda lá está e levanta-se, imponente, cercada de casas simples, causando emoção. Paredes sem pintura nem quase reboco mostram as pedras da estrutura que sustentam os dois altos andares, com três janelões, hoje tampados, no primeiro andar, e o portal imponente cercado por duas janelas, também tampadas, embaixo. O edifício tem ainda o poder de evocar o apogeu de uma prática religiosa nos tempos em que a população de judeus atingiu seu ápice. No momento, as paredes descascadas aguardam verba para uma restauração, tão desejada pelo atual Prefeito da cidade, Oleksandr Ovtchar.

Melhor sorte teve o edifício que noutros tempos servia de residência ao rico judeu Iákhont. Bem situado em meio a um terreno grande, com grandes calçadas em volta, numa espécie de praça, reconheci imediatamente o edifício que vira em foto, com soldados bolcheviques perfilados em solenidade militar. Agora, enfileiradas na porta de entrada do edifício, professoras e bibliotecárias nos esperavam, já cientes do interesse que tinha pelas coisas da terra de Clarice. Essa acolhida simples e calorosa me emocionou.

Assim que nos aproximamos do prédio, pudemos perceber então a presença de Clarice: seu rosto esculpido em bronze numa placa fixada na parede da fachada principal do edifício. A placa em homenagem a Clarice, ali inaugurada

⁷ S. Vovk, S. Taranets e V. Kossakivskiy, Ensaio sobre a história de Tchechelnik. Trad. Artur Rodyna. Vinnitsia, 2000, p. 80. E: V. Kossakivskiy, “Povoado de Tchechelnik na Ucrânia. Cultura étnica de judeus.” Trad. Artur Rodyna. Texto digitalizado, s.d., s.p.

por iniciativa do Embaixador Helder Martins de Moraes, em 2002, nessa longínqua Tchechelnik, também me emocionou. Na parte central da placa, o rosto de Clarice tendo, de um lado, dados biográficos em português, e do outro lado, em russo.

As professoras mostraram as dependências da biblioteca, precária, sem necessária manutenção, e o parco acervo. E mostraram o único livro referente a Clarice Lispector: um exemplar do número duplo especial sobre Clarice da série Cadernos de Literatura Brasileira editado pelo Instituto Moreira Salles, exemplar que eu mesma havia solicitado que fosse enviado ao Prefeito da cidade. E nenhum outro livro lá havia, nem de, nem sobre Clarice. Aguardam doações pelo menos para mostrar aos alunos das escolas locais, que frequentam a biblioteca. Se o português lhes é totalmente estranho, pois falam o russo e o ucraniano, poderiam, então, segundo as professoras disseram, tocar os livros escritos por uma escritora nascida na terra. Apenas o romance *A cidade sitiada* teve tradução para o russo e ganhou já duas edições.⁸ É hora de se traduzir para o ucraniano ou para o russo histórias infantis de Clarice. Seria um modo simpático de as crianças conhecerem essa escritora conterrânea.

Na placa de um edifício grande em meio a uma aldeia pequena e distante, eis o único sinal da escritora que assim voltou à sua terra natal, ainda que involuntariamente. Afirmou, certa vez, numa crônica do *Jornal do Brasil*, que nunca ali poria os pés, pois dali partira recém-nascida, carregada pelos pais. Assim lá continua. Paira no alto, grudada a uma parede, cercada, de um dos lados, por uma tradição arcaica, em russo, de outro lado, por uma cultura de misturas, multifacetada, em português.

As letras do alfabeto russo a escritora carregou pela via de seus ascendentes, em sons que ouviu em casa, desde o seu nascimento, como carregou e ouviu o ídiche, marcas de uma raiz judaica de tradição milenar. Os sons da língua portuguesa a menina carrega a partir do momento em que começa a falar, já no Brasil, língua que adota ao longo de toda a sua vida, não só como instrumento de comunicação do cotidiano, mas como matéria-prima de sua produção jornalística e literária.

A aldeia perdida

Bem outra é a aldeia construída por Clarice nas suas crônicas. Essa, não se define nem por uma localização geográfica, nem por capítulos de uma história de invasões e dificuldades, nem mesmo por uma curiosidade que poderia levá-la a uma volta à terra natal.

Feito o percurso de pesquisadora, eu me pergunto a razão de tantas informações, já que, para Clarice, seguindo um procedimento de criadora semelhante ao que assumia com outros assuntos de seu repertório literário, ou bio-gráfico, segundo termo que a própria escritora usava, bastava-lhe o que não sabia e o que poderia supor.

“E a história é a seguinte: nasci na Ucrânia, terra de meus pais. Nasci numa aldeia chamada Tchechelnik, que não figura no mapa de tão pequena e insignificante. Quando minha mãe estava grávida de mim, meus pais já estavam se encaminhando para os Estados Unidos ou Brasil, ainda não haviam decidido: pararam em Tchechelnik para eu nascer, e prosseguiram viagem.

É o que afirma numa crônica intitulada, curiosamente, de “Esclarecimentos: Explicação de uma vez por todas.”⁹ A proposta de esclarecer, ou melhor, de esclarecer não esclarecendo, ao simular um definitivo esclarecimento, torna-se recurso que, em relação à sua terra natal, nada esclarece, e, pelo contrário, alimenta o imaginário do leitor, levando-o a supor que essa aldeia levita, em algum lugar do globo, sem nunca ser precisamente descoberta, nebulosamente mitificada.

Sob esse aspecto, a Fotobiografia é um desafio que se faz à própria literatura de Clarice, na medida em que localiza, à sua revelia, o que a própria Clarice queria despistar.

Ou seria esse despiste uma forma de fomentar a curiosidade e levar o seu leitor a novas descobertas deste seu mundo?

⁸ Esse romance, *A cidade sitiada*, em tradução de Inna Tynianov, foi primeiro publicado pela editora Terra, de Moscou, em 1997, em volume que trazia também *O advogado do diabo*, de Morris West; e, posteriormente, esse mesmo romance, *A cidade sitiada*, foi publicado pela editora Amphora, em Moscou, em 2000.

⁹ Clarice Lispector, “Esclarecimentos: Explicação de uma vez por todas”. *Jornal do Brasil*, 14.11.1970; *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 498-499.

